

Editorial

Apresentação do Dossiê Franz Brentano

Franz Brentano (1838 -1917) foi um importante filósofo e psicólogo do final do século dezenove.¹ O impacto do ensinamento de Brentano na filosofia de língua alemã foi tão grande que levou à fundação de uma escola – a Escola de Brentano² – e a uma nova abordagem da filosofia científica que contrariou a tradição idealista e pós-Kantiana alemã. Edmund Husserl (1859-1938), Alexius Meinong (1853-1920), Christian von Ehrenfels (1859-1932), Kasimierz Twardowski (1866-1938), Carl Stumpf (1848-1936) e Anton Marty (1847-1914) foram todos alunos de Brentano, assim como Sigmund Freud (1856-1939). Brentano desempenhou igualmente um papel crucial na fundação da filosofia austríaca, ele teve uma enorme influência no trabalho do jovem Heidegger, assim como na ori-

gem da filosofia analítica. O conceito de “intencionalidade do pensamento”, situado entre o movimento fenomenológico e a tradição analítica, como redefinido por Brentano, foi e continua sendo um conceito chave da filosofia da mente dos séculos vinte e vinte um. Mas Brentano não apenas redefiniu a filosofia da mente; ele foi um pensador notável e inovador em vários campos da filosofia. Debates recentes em metaética, ontologia, metafísica, estudos da consciência e a história da filosofia analítica mostram um forte ressurgimento do interesse pelo pensamento de Brentano.³ Suas teorias eram bem conhecidas e debatidas não apenas nos países de língua alemã da Europa Central e Oriental, mas também no mundo anglo-saxão, especialmente em Cambridge, onde James Ward, George F. Stout, Bertrand

¹Para uma introdução à biografia de Brentano, K. Feilchenfeldt, L. Zagari (eds), *Die Brentano, Eine europäische Familie*, Tübingen, Niemeyer, 1992. Ver também, O. Kraus, *Franz Brentano: Zur Kenntnis seines Lebens und seiner Lehre mit Beiträgen von Carl Stumpf und Edmund Husserl*, München, Ch. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1919; L. Albertazzi, *Immanent Realism. An Introduction to Brentano*, Dordrecht, Springer, 2006; T. Binder, “Brentano's Life and Works”, *The Routledge Handbook of Franz Brentano and the Brentano School*, U. Kriegel (ed.), London, Routledge, 2017, pp. 15-20.

²*Brentano e a sua escola*, M. A. González Porta (ed.), Edições Loyola, São Paulo, 2014. Ver também o dossiê “100 anos da morte de Franz Brentano: intencionalidade ontem e hoje”, E.M. Giusti, E. Oliveira de Brito, G. R. Schmidt (eds.), *Guairacá - Revista de filosofia*, 33, 2, 2017.

³Ver *The Routledge Handbook of Franz Brentano and the Brentano School*, U. Kriegel (ed.), London, Routledge, 2017; U. Kriegel, *Brentano's Philosophical System. Mind, Being, Value*, Oxford, OUP, 2018; M. Textor, *Brentano's Mind*, Oxford, OUP, 2017; *Franz Brentano Critical Assessment*, 4 vols., M. Antonelli, F. Boccaccini (eds.), London, Routledge, 2019; *The Philosophy of Franz Brentano*, M. Antonelli, T. Binder (eds.), Brill, Leiden, 2021; M. Antonelli, F. Boccaccini, *Franz Brentano. Mente, coscienza, realtà*, Roma, Carocci, 2021.

Russell e George E. Moore prestaram grande atenção ao trabalho de Brentano. Entretanto, Brentano foi muitas vezes ofuscado por seus alunos, como Husserl ou Meinong, e sua fama começou a desvanecer-se nos anos vinte e trinta. Ele foi parcialmente reavaliado durante as décadas de cinquenta e sessenta e, mais consistentemente, nas últimas décadas.

Durante muito tempo Brentano foi mencionado apenas como o filósofo que reintroduziu o conceito de intencionalidade no debate filosófico contemporâneo. É por isso que ele já foi citado como o “avô” do movimento fenomenológico e o precursor da filosofia analítica, mas suas visões e argumentos filosóficos raramente foram discutidos.

Esta situação mudou quando o filósofo americano Roderick M. Chisholm (1916-1999) fez um esforço notável para destacar o significado de Brentano para os filósofos contemporâneos. Contra a prioridade relativa da linguagem sobre o pensamento, Chisholm defendeu a ideia de uma prioridade do mental. Ele transformou a psicologia descritiva de Brentano em uma filosofia da mente na qual a tese de Chisholm sobre a intencionalidade da mente como elemento irreduzível na análise lingüís-

tica conectou a psicologia de Brentano à nova virada cognitiva na tradição analítica. Ao fazer isso, ele ligou as interpretações analíticas britânicas anteriores às teorias de Brentano, enquanto fazia o leitor filosófico de língua inglesa tomar consciência de muitos aspectos do pensamento de Brentano, também graças a suas traduções de várias obras de Brentano. Mais tarde, nos anos sessenta e setenta, graças a Rudolf Haller (1929-2014)⁴ e sua chamada “tese Neurath-Haller”,⁵ a filosofia de Brentano começou a ser considerada não apenas como um antecedente da tradição filosófica austríaca, como em Otto Neurath, mas sim como o eixo central de uma filosofia austríaca específica e homogênea. Tal tradição, começando com o filósofo Bernard Bolzano (1781 - 1848) e culminando no Círculo de Viena e seus descendentes, é caracterizada por sua oposição ao pós-kantismo da tradição alemã. A tese Neurath-Haller reavalia as múltiplas facetas do pensamento de Brentano e contrasta a tendência de reduzir suas contribuições filosóficas à mera noção de intencionalidade. Essa tendência ganhou um interesse crescente e um público filosófico mais amplo nas últimas décadas graças ao trabalho de Barry Smith, Peter Simons, e

⁴R. Haller, ‘Österreichische Philosophie’, em R. Haller, *Studien zur österreichischen Philosophie. Variationen über ein Thema*, Amsterdam-Atlanta: Rodopi, 1979, pp. 5-22; Id., *Fragen zu Wittgenstein und Aufsätze zur österreichischen Philosophie*, Amsterdam-Atlanta, Rodopi, 1986; Id., ‘Zur Historiographie der österreichischen Philosophie’, in J. C. Nyíri (ed.), *Von Brentano zu Wittgenstein. Zur Tradition der österreichischen Philosophie* (Viena: Hölder-Pichler-Tempski, 1986), pp.41-53. Eng. transl., ‘On the historiography of Austrian philosophy’, in T. Uebel (ed.), *Rediscovering the forgotten Vienna Circle*, Dordrecht: Kluwer, 1991, pp.41-50

⁵B. Smith, ‘The Neurath-Haller thesis’: ‘Austria and the rise of scientific philosophy’, em K. Lehrer e J. C. Marek (eds.), *Austrian philosophy. Past and Present*, Dordrecht: Kluwer, 1996, pp.1-20.

Kevin Mulligan. Eles destacaram a relevância sistemática das contribuições feitas por Brentano, assim como por seus alunos, para uma ampla gama de questões filosóficas em ontologia, lógica, filosofia da mente, teoria dos valores e filosofia da consciência.

Restabelecendo a *objetividade* na investigação filosófica, com um robusto fundacionalismo, Brentano ocupa seu lugar entre os grandes filósofos do século dezenove, estabelecendo as condições para o ressurgimento do realismo no início da filosofia analítica e na fenomenologia. Contribuindo de forma substancial para dois temas-chave da filosofia moderna tardia, ou seja, a guinada contra o idealismo e a ascensão de uma filosofia científica, o impacto de Brentano na filosofia da mente é comparável ao de Bolzano e o de Frege na lógica.

Os artigos coletados neste número enfocam aspectos-chave da filosofia de Brentano e, para apresentar a complexidade do seu pensamento ao leitor brasileiro, vários temas foram escolhidos, analisados e discutidos por acadêmicos estudiosos da obra de Brentano (Antonelli, Brandt, Seron) e pesquisadores da América do Sul (Marques de Carvalho, Márquez, Niel, Soutif).

Mauro Antonelli (Università di Milano-Bicocca) no seu artigo aborda uma questão central sobre a tese da intencionalidade de Brentano, no qual ele mesmo é um dos maiores protagonistas do debate atual. Antonelli ar-

gumenta contra a tese de que o objeto imanente como correlato do ato intencional tenha uma natureza ontológica. Antonelli dá uma interpretação diferente da mais difundida e aceita sobre a natureza do objeto intencional e do correlato intencional, propondo uma análise da origem da confusão entre objeto e correlato intencional. O problema maior, segundo Antonelli, está na interpretação que o filósofo da linguagem Anton Marty, aluno de Brentano, faz do objeto imanente, abrindo caminho para uma interpretação imanentista da teoria da intencionalidade de Brentano. O artigo de Denis Seron (Fonds National de la Recherche Scientifique – FNRS/Université de Liège) aborda a questão do tempo em Brentano, combinando questões psicológicas e metafísicas. O tempo foi uma preocupação constante em Brentano, influenciando a fenomenologia de Husserl e Heidegger. Seron se pergunta como é possível ter experiências da memória presente de coisas que, sendo passadas, não são mais experimentadas no presente? A sua resposta desenvolve o que ele chama “ideality of time view”, ou seja, a visão de que a sucessão temporal é algo de irreal. Na primeira parte do seu artigo Seron define o sentido dessa visão da idealidade do tempo em Brentano, enquanto na segunda ele a contrasta com a versão de David Hume, sugerindo que, apesar das diferenças significativas, a idealidade do tempo de Brentano pode, no entanto, ser inter-

pretada como humeana.

Em seu trabalho conjunto, Johannes L. Brandl (Universitat Salzburg) e Joelma Marques de Carvalho (Universitat Salzburg) esclarecem como Brentano define a relação entre o conhecimento de nossos próprios fenômenos de consciência e o conhecimento de fenômenos de consciência de outras mentes. Por um lado, argumenta Brentano, seguindo a tradição cartesiana, que o conhecimento dos próprios fenômenos mentais é fundamental. Ao mesmo tempo, porém, segundo os autores, Brentano quer mostrar com a sua *Psicologia do ponto de vista empírico* uma clara alternativa ao introspeccionismo de sua época. O objetivo do artigo é mostrar a tentativa de Brentano de unir estes dois propósitos e como ele também aderiu a esta linha em sua *Psicologia Descritiva*. Brandl e Marques, portanto, concluem que a psicologia de Brentano pode ser entendida como um apelo ao pluralismo epistemológico. Os dois últimos artigos enfocam aspectos do pensamento de Brentano em sua recepção na filosofia da mente contemporânea. Ludovic Soutif (PUC-Rio) e Carlos Márquez (FFLCH-USP), a partir da teoria da intencionalidade proporcionada por Brentano, tentam fazer “uma revisão crítica da proposta enativista radical com relação a cognição básica no intuito de mostrar que o pres-

suposto de que nada ficaria perdido com a remoção dos compromissos representacionistas da teleosemântica é injustificado”. O artigo se destaca pela formulação de uma alternativa original à proposta enativista radical cunhada *atributivismo-de-conteúdo livre de compromissos metafísicos*. No último artigo, Luis Niel (Universidad Nacional del Litoral) apresenta uma comparação histórica e conceitual de duas teorias da intencionalidade: uma introduzida por Brentano e outra conduzida por Chisholm. A visão de Brentano, segundo Niel, é baseada em uma perspectiva descritiva-psicológica da vida mental, enquanto a teoria de Chisholm seria regida por um ponto de vista logico-linguístico. Segundo Niel, Chisholm rompe conceitualmente com Brentano, pois o filósofo americano introduz várias ferramentas conceituais tomadas de empréstimo principalmente da filosofia de Russell. O uso do conceito (russeliano) de atitudes proposicionais para a compreensão da intencionalidade depende, portanto, da influência de Russell que modifica a teoria da intencionalidade de Brentano de forma significativa.

Gostaria de agradecer a Thomas Binder e ao Franz Brentano Archiv Graz pela gentil permissão para a foto da capa.

Federico Boccaccini
(UnB/Université de Liège)

* * *

Além dos trabalhos que compõem o *Dossiê*, o presente número também conta com outras contribuições recebidas em fluxo contínuo.

(1) Jefferson Martins Cassiano, doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), no artigo “Foyers de Resistências, Foyers de Experiências: Filosofia da Resistência como Experiência de Desafio ao Fim da Revolução”, partindo do pensamento de Michel Foucault pretende defender que uma filosofia da resistência pode promover uma experiência de desafio.

(2) No artigo “Luto como Categoria Clínica, Luto como Categoria Ético-Política: Desdobramentos Butlerianos”, Ernani Chaves, professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), e Nilton Chagas, graduando em direito na UFPA, buscam examinar a concepção butleriana de luto, bem como apresentar uma hipótese interpretativa acerca da conexão entre psicanálise e política em Butler.

Por fim, temos ainda uma resenha e duas traduções inéditas. Hernandez Ei-

chenberger, professor do Instituto Federal Catarinense (IFSC), nos apresenta o livro “Contra o mundo moderno – o tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX” de Mark Sedgwick. A primeira tradução, “A Noção de Objeto” de Alain (Émile Chartier) foi realizada pelo Grupo de Tradução do departamento de filosofia da Universidade de Brasília, composto por alunos da graduação e pós-graduação em filosofia, e coordenado pelo professor Philippe Lacour. A segunda tradução, “Uma Pequena Contribuição” de Constantin Constantius (Søren Kierkegaard), realizada por Paulo Abe, doutorando em filosofia na Universidade de São Paulo (USP).

Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a todos os autores, por terem honrado a nossa *Revista* com as suas produções, bem como aos membros do corpo editorial, avaliadores, editores e leitores de provas, pela fundamental colaboração na confecção da presente edição.

Os Editores

